

35



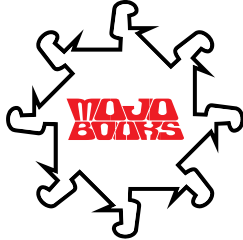
new model army  
**THE GHOST OF CAIN**

recontado por  
**GASTÃO MOREIRA**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

*Mojo working.* Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

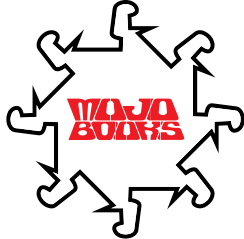


**VOLUME 35**

---

**THE GHOST OF CAIN**  
new model army

recontado por **GASTÃO MOREIRA**



**VOLUME 35**

---

**THE GHOST OF CAIN**  
**new model army**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

**Agoosto de 2007**

Mesmo reformada, esta pocilga exala um clima decadente. Mas a proximidade com minha casa me faz relevar as baratas na parede. A pizza em fatias até que está bonita, apesar de me sentir meio nauseado pelo conhaque de ontem. Para dar início aos trabalhos, tudo que almejo é um café quente e doce. Sento na mesa de sempre, de canto, de onde tenho uma visão privilegiada do submundo. Ao longe, a velha garçonete rabugenta mira os meus olhos e lê meus pensamentos: café!

Detesto esperar, fico ainda mais ansioso, até que encontro distração numa avalanche provocada por três colheres cheias de açúcar. A fúria da minha natureza deixa vários soterrados no fundo da xícara. Lembrei daquele especial sobre o Monte Everest. O japonês morreu sentado a poucos metros do topo, com as feições preservadas pelo gelo. Foi buscar um sentido pra vida e encontrou os ventos traiçoeiros do Himalaia.

Daqui do alto observo, onipotente, milhares de grãos brancos serem diluídos, sem piedade, pelo café preto. O planeta está caliente, meu sangue também. O redemoinho causado pela co-



lherinha suga minha atenção e, por uns segundos, me leva para as ruas entupidas de Kathmandu. Logo, um movimento rápido e involuntário das pálpebras me reconecta com a periferia de uma metrópole latino-americana.

— Posso ver o jornal?

A má vontade da garçonete é contagiante. Ela concorda com um movimento mínimo da cabeça. Nem a condeno, afinal em quatro anos nunca deixei um centavo de gorjeta. Pra falar a verdade, quero que ela se dane e a padaria também. O filho do dono é um chato de galocha e este café é pura água suja.

Assim que as manchetes da capa entram em foco, leio: “Guerra entre gangues no show dos Ramones, página 7 do Caderno C”. Meu instinto fareja a trilha de uma morte anunciada.



## 2

Ele furou a fila sem pedir licença e se apoiou bruscamente sobre a bilheteria.

— Meia-entrada pra sessão das dez!

— Posso ver sua carteira de estudante?

A caixa ergueu a cabeça devagar e captou de imediato a dimensão da maldade daquele garoto. Ela engoliu em seco.

— Escuta aqui, dona. Me dá logo essa meia, antes que eu entre aí e triture os ossos do teu pescoço.

Caim perdeu a conta de quantas vezes assistiu a *Warriors, os selvagens da noite*. Da primeira vez, anos atrás, ele e os amigos encararam três sessões seguidas. Ao sair do cinema, comprou um canivete de mola com uma lâmina que media um palmo. Ele treinava em frente da lasca de espelho pregada na parede, no melhor estilo “De Niro”:

— Você tá falando comigo?

*Warriors* e *Laranja Mecânica* causaram um estrago na personalidade instável de Caim. Foram filmes que atribuíram uma aura poética aos seus freqüentes momentos de ira. A violência



que o cegava era sua marca registrada. Os amigos o consideravam imprevisível, os inimigos o tinham na mira.

Apenas naquele dia *Warriors* seria exibido e o Cine Columbo estava borbulhando sob um clima tenso e volátil. Caim gostava daquele velho cinema de ar majestoso, da rampa em espiral na entrada e das espaçosas cadeiras de couro com descanso de copo. O carpete vermelho era tão antigo que devia abrigar uma galáxia de microorganismos, escravizados por ácaros gigantes. No menu disponível, chocolates, balas e pipocas murchas, pinceladas com manteiga de segunda.

O apagar das luzes era um momento sublime. Senhoras e senhores, decolagem autorizada.

\* \* \*

O público se irritou com os vinte e cinco minutos de trailers exibidos, trailers longos de filmes ruins que nunca ninguém vai ver. Duas coroas falavam sem parar sobre a apatia dos maridos enquanto um celular insistia em tocar. Caim estava colado na poltrona, transpirando anfetamina. Seus neurônios metralhavam informações confusas, células em ebulição derretiam suas veias. Ele perdeu a pouca paciência que tinha. Da sua mão partiu o copo





de refrigerante que atingiu a tela em cheio. “Chuááá”, três pontos de fora do garrafão.

A sessão foi interrompida na hora, a luz acesa sob as vaias da platéia. Seguranças vasculharam o cinema atrás do meliante, que não teve tempo de se evadir do local. “Entendido, poltrona 4F.” “Câmbio, positivo operante.” Impassível ante a dor, o aditivado meliante resistiu à prisão. Os seguranças o retiraram na marra e deram um trato no elemento à moda da casa. Lesão corporal permanente, processo de rito sumário. Foram dez minutos de porrada sem dó. Recostado na guia, com o nariz em frangalhos, ele ainda ouviu um dos seus algozes antes de esmorecer:

— Reconheci na hora esse filho-da-puta! É um dos Chacais da Vila Adoniran. Semana passada os desgraçados detonaram meu irmão, o Vitão. Eu devia meter bala nesse bosta, mas vou deixar para fazer isso num dia de folga.

Sartana fazia bico como segurança e era membro dos Krápu-las do Jardim Colorado.



### 3

Foi uma demorada cirurgia para reconstituir o nariz. Apesar da dor, Caim brincou que os septos nasais precisavam de reparos por causa do uso abusivo de pó. Sua recuperação foi motivada pelo perfume sedutor da vingança. Muitas vezes, na escuridão mórbida do hospital público, ele elaborou os detalhes da vendeta. Sua gangue queria retaliar de imediato, mas Caim exigiu estar presente na hora do acerto de contas.

Os Chacais atuavam na Zona Norte da cidade. A sobrevivência do bando era garantida por atividades ilícitas previstas no Código Penal: comércio de armas de fogo, tráfico de entorpecentes, rufianismo, furto de veículos, artigos 171, 157, 121. O líder dos Chacais era conhecido pela alcunha de Faraó. Ele beirava os trinta anos, era ex-lutador de boxe e tinha uma paixão obsessiva por armas de alto calibre. Foi especialista em roubo de carga de caminhão. Orgulhava-se de possuir uma ficha policial de vários fascículos, arquivada na 13ª DP. Seu nome verdadeiro, um mistério insolúvel. Nem tendo as unhas arrancadas Faraó o revelaria. Alguém suspeitava que fosse Adailton, mas era melhor



deixar quieto.

Rezava a lenda que Faraó e seus comparsas roubaram um caminhão carregado com televisores, na divisa do Espírito Santo. Após a retirada dos aparelhos, descobriram um fundo falso na caçamba que escondia cem quilos de maconha prensada. Tratou-se de uma bola extra casual, nenhum dos envolvidos no roubo sabia disso. Seis meses mais tarde, Faraó caiu com dez quilos numa armação do Denarc e mandou para o ralo cinco anos preciosos da sua vida errante. Sem o menor rabisco de remorso, ele pagou os pecados. Virou pastor na cadeia, com direito a exorcismos e surtos messiânicos. Os Chacais são sua maior criação, Caim era seu protegido, nada iria ficar barato.



Sartana passou a infância no Jardim Colorado brincando na praça da rua de baixo, que abriga a estátua de algum herói de segundo escalão. Há muito tempo, a estrutura de ferro da estátua vem perdendo a luta contra a ferrugem. Na sua iminente degradação, serve de alvo para tiros noturnos. Foi nela que Sartana descarregou um 38 pela primeira vez. O General ficou desfigurado.


Quando garoto, Sartana escalava o muro do colégio para acompanhar Vitão, seu irmão mais velho, nas brigas de bairro. A adrenalina dos confrontos o abastecia de boas histórias. O pai linha-dura o incentivou a encarar a disciplina das artes marciais. Entrou no Muay Thai com onze anos, ficou bom de briga. Embevecido com o respeito adquirido, começou a puxar ferro e tomar bola. Ninguém com um pouco de bom senso arrumaria com ele. Um tempo atrás, Sartana recebeu uma oferta para virar segurança da boate Roxanne. Ganhou terno preto, sapato de crocodilo e microfone de orelha. Nada mau para um encrenqueiro nato. A mulherada sempre vai beliscar um convite vip com ele. Os *pimps* e traficantes da área o chamam pelo nome e deixam gorjetas vultosas.

Eles carregam correntes de ouro, mulheres vistosas e mantêm o champanhe francês em baldes de prata reluzente. Alguns têm garrafa reservada e camarote personalizado com as iniciais na entrada. Sartana havia despertado para *la dolce vita* bandida.



THE GHOST  
OF CAIN

## 5



O bar do Armando foi eleito o bote oficial dos Krápulas. Seu Armando, 72 anos nas costas, colocou o bar à disposição, mas não admitia drogas na sua propriedade. Nunca teve problemas, nunca foi assaltado. A cerveja está sempre gelada, a coxinha é feita com frango clonado e o X-Calabresa é uma atração à parte. A jukebox na entrada e a mesa de sinuca de pano vermelho dão um charme ao bar. Do Armando partem as caravanas para festas, tretas e shows.

Vitão sugeriu pra gangue ir no show dos Lixórdias, mas foi voto vencido. Os Krápulas estavam focados no campeonato de sinuca no Armando, por causa do prêmio de dois mil reais para o campeão. Vitão não jogava sinuca, vestiu a farda e partiu decidido, com mais dois amigos, rumo ao Templo do Rock, numa jornada nada segura por territórios hostis.

O Templo é um lugar que acolhe punks, drags, desordeiros e alternativos. A casa é grande, com pé direito alto e já foi fábrica de biscoito. O bar vende cachaça cearense, champanhe paraguaia e vários tipos de cerveja. As garçonetes estabanadas circulam aos

trancos e barrancos, com suas bandejas circulares. O pequeno palco fica de quina, ao lado do banheiro unissex. Um pátio ao ar livre, na parte dos fundos, abriga árvores centenárias e é o paraíso dos enamorados. Nos finais de semana o Templo atrai quase mil pessoas.

Naquele sábado não seria diferente. Há mais de um ano que os Lixórdias não tocam na capital. O quarteto fez a fama ao aparecer na TV, em rede nacional. Eles permaneceram em cena arrogantes, displicentes, irônicos. No final do programa, o baixista Léo Escória partiu pra cima de um jurado que havia criticado a banda, e assim virou celebridade entre perdedores e condenados. O show no Templo era o sacramento do semi-estrelato de Léo Escória e seus Lixórdias.

\* \* \*

Durante a apresentação da banda de abertura, Vitão separou-se dos amigos. Ele partiu na captura de Letícia, uma morena radiante de vestido azul, com os dois braços riscados e um tentador piercing na língua. Desde que rompeu com a última namorada, Vitão vinha maltratando as mulheres. Vanessa, sua ex, era possessiva ao extremo, dona de um ciúme patológico. Toda vez que



tentou se afastar dela, Vitão foi seduzido com noites eternas e palavras de amor. Numa terça chuvosa, ela foi flagrada saindo de um motel com o Chefe do Departamento. Vanessa sumiu do mapa logo depois que o amante foi encontrado num terreno baldio.

Vitão comprou uma cachaça, tomou uma talagada e foi de braços entrelaçados com Letícia para o pátio externo. Quatro vultos indistintos acompanharam a cena de perto. Um deles era Zico, pai de uma linda menininha com Letícia. Apesar de não dividirem o mesmo teto há meses, as feridas da traumática separação voltavam a arder. Zico se aproximou, Letícia tomou um susto. Zico entornou um copo de cerveja em sua cabeça. O pino da granada foi retirado, contagem regressiva para a disseminação dos estilhaços. Numa rápida consulta ao seu arquivo mental, Vitão reconheceu os outros três: Chacais. O destino havia lhe passado a perna. Seus amigos estavam longe demais, mas ele iria honrar o colete dos Krápulas.

Nem deu tempo. A primeira garrafada chegou por trás e desplugou seus neurônios, derrubou a conexão. Vitão cambaleou e caiu. O sangue projetado respingou no vestidinho azul. Levou quarenta minutos para chegar a ambulância. Era a sétima ocorrência da noite e os paramédicos estavam de mau humor.





Cerca de quinze Krápulas pularam a catraca e dominaram um vagão. A convocação de última hora para o encontro com os Maquiavélicos levantou uma névoa de suspeita. Por via das dúvidas, metade da gangue estava devidamente maquinada.

— Paranóia é precaução — resumiu Chumbinho enquanto encaixava as balas no pente. Filho de empregada doméstica, ele sempre mantinha distância das escolas e uma proximidade vocacional com a bandidagem. Entre os Krápulas, Chumbinho era muito respeitado por ter queixo duro, mão pesada e uma 765 na cinta. Foi ele quem recebeu o suposto mensageiro dos Maquiavélicos e confirmou a presença. As duas gangues compartilhavam um ódio intravenoso pelos Chacais.

Os Maquiavélicos são a gangue mais numerosa da Zona Sul, comandados com tirania por um sujeito chamado Gancho. Ele recebeu os Krápulas com cordialidade, sentado no fundo de um bar mal iluminado, cercado por alguns seguranças. Em meio à penumbra, sua silhueta dava um tom de clássico *noir*. O brilho em cima da mesa provinha de um gancho adaptado, com o qual



ele gesticulava nervosamente. Anos atrás, ele perdera a mão esquerda com uma bomba caseira. A outra mão repousava numa automática.

— Ainda bem que vocês atenderam meu chamado — disse com uma simpatia no máximo esforçada antes de continuar a explanação. — Chegou a hora de formalizarmos uma união entre os Krápulas e os Maquiavélicos. Se quisermos pensar grande, temos de expandir nossa área de atuação até a Zona Norte. Lá se apresentam as melhores oportunidades de negócio.

Gancho soava como um empresário bem sucedido palestrando pra estudantes de administração. Todos ouviam com atenção, ele prosseguiu num tom ainda mais solene.

— Para isso, a Vila Adoniran é um ponto estratégico, vital para nossas operações. Nosso único entrave no momento são os Chacais, precisamos dar um jeito nessa situação urgente.

A idéia proposta era interceptá-los a caminho do show dos Ramones, na saída do Terminal Alcides Barreto, e impor o maior número de baixas possível. Eles tinham menos de uma semana para acertar os detalhes.

A trégua vigente entre as gangues da capital foi mandada pro inferno.



## 7

Entre os Chacais não se falava em outra coisa, “hoje tem Ramones na *city*”.

Foi uma aventura rocambolesca para garantir os ingressos. Sid Virto, o caçula da gangue, foi incumbido de comprá-los na bilheteria do Dama Xoc. Ficou várias horas em pé numa fila desorganizada, que sumia de vista. A produção, de última hora, limitou o número de ingressos por pessoa. Sid estava com um amigo e arrematou uma dezena, mas muita gente ia ficar de fora. Faraó optou por convidar seus homens de confiança, ninguém se atreveu a questionar a legalidade da decisão. O importante é que os Chacais iriam estar bem representados por uma comissão de frente da pesada.

Às oito horas todos se encontraram na casa do Fábio Massacre, cunhado de Caim. Ele era uma espécie de tesoureiro do grupo, um ministro da lavagem das economias. Sua casa ocultava um departamento de objetos roubados, sua cabeça guardava informações sigilosas comprometedoras. Antes de pegar a estrada, Faraó patrocinou uma rodada de vinho barato. Ele não podia



conter a excitação.

— Eu sempre ouvia Ramones indo pros assaltos. Dava o grau pra fazer o serviço. Eu ficava arrepiado e chegava arrepiando.

Caim também gostava dos Ramones. Foi Fábio Massacre que lhe gravou a primeira fita cassete. Lado A: primeiro do Ramones. Lado B: *The Ghost of Cain*, do New Model Army. Caim gastou aquela fitinha Basf de tanto ouvir no 3 em 1 da sala.

— Esse New Model Army do lado B, eu gravei porque a banda é foda e o nome do disco é “O Fantasma de Caim”. Acho que foi em tua homenagem, você está tão branquelo que parece finlandês no carnaval do Rio. Vai tomar um solzinho moleque — sacaneou Massacre.

Vítima da Síndrome de Nosferatu, Caim evitava ao máximo a luz do Sol, como se o contato com sua pele o fizesse evaporar. As olheiras profundas das noites em branco lhe impunham um ar cadavérico.

Ele encheu o copo e propôs um brinde. Todos viraram num gole só. Vinho no cowboy, periferia *style*.



## 8

Um informante dos Maquiavélicos trouxe a preciosa informação: os Chacais acabavam de deixar a Vila Adoniran, eles iriam chegar no Terminal Alcides Barreto em menos de uma hora. Krápulas e Maquiavélicos estavam à espreita. Gancho era o mais exaltado, estava no ápice da loucura, despejando milhares de frases sem parar. Ele traçava planos e estratégias, entre tiros e cervejas. Sartana estava calado. Enquanto fumava um cigarro, ele sorvia o espírito de combate.

\* \* \*

Quase dez da noite, tempo bom com nebulosidade parcial em toda região Norte. O último trem está chegando. Gancho manda esvaziar a estação, quem ficar que fique por conta e risco. Eles se posicionam na saída da rua dos Pinheiros, o mais rápido acesso ao Dama Xoc. No vagão, os Chacais cantam e bebem felizes, e assim saboreiam seus últimos minutos no planeta Terra. Uma legião de nuvens carregadas faz o tempo fechar. O clima está sujeito a



trovoadas e pancadas esparsas na próxima meia hora.

Na chegada à estação, Faraó impõe sua liderança e anda à frente do bando. Os outros discutem sobre o provável *setlist* dos Ramones. Caim se despede e segue por outra saída, vai buscar uma garota. Se encontrará com eles em meia hora, na porta principal do Dama. Os Chacais, então, pegam o longo túnel que leva à rua dos Pinheiros.

A poucos metros da saída, Gancho emerge com o resto do pelotão. Sem uma única palavra, eles apontam e descarregam. Faraó é o primeiro a tombar. Fábio Massacre é abatido pelas costas ao tentar voltar pra plataforma. O restante é encurralado e executado de modo implacável. Como era de se esperar, não há testemunhas. As câmeras internas de segurança estavam desligadas por falta de manutenção.

— Quanto menos bandido melhor, eles que se matem, — disse o delegado no Jornal Nacional.

Daniela era sua nova investida. Caim a conheceu numa festa, pegou o telefone e fez o convite para ver os Ramones. Ela topou na hora, sem nunca ter ouvido falar na banda. Combinaram de se encontrar num boteco da área e seguiram para o Dama Xoc. Daniela estava fascinada por Caim. Seu último namorado era bancário, mas ela cansou de pessoas comuns. Dani estava ansiosa para conhecer os Chacais de perto.

\* \* \*

Uma multidão se aglomerava na porta do Dama. Não havia nenhum sinal dos Chacais, Caim estranhou a ausência dos companheiros. Ele avistou uns camaradas do bairro conversando com um cabeludo atônito, suando em bicas. Caim chegou perto, o cabeludo falava esbaforido:

— Rolou a maior treta na estação do metrô. Mataram vários fitas numa emboscada. Foi tiro pra todo lado, parecia filme do Charles Bronson. Eu me escondi atrás de um latão de lixo até a



poeira abaixar. Tô tremendo até agora, vi um monte de corpo estendido no chão.

Por um instante o sangue de Caim parou de circular. Sua cabeça era um carrossel desgovernado, ele soltou a mão de Daniela. Ao tentar dirigir-se à estação, foi interceptado por um rosto familiar. Sartana colocou a mão em seu ombro e cravou a lâmina fria em seu abdômen.

— Lembra de mim? — perguntou debochado enquanto flagrava a chegada da morte aos olhos de Caim. Ele levou as mãos à barriga e sentiu a consistência pegajosa do sangue. Sua expressão traduzia um grito abafado de dor. Sartana espetou de novo, limpou a faca e se misturou com o público. Caim desabou, seu corpo entrou em colapso. Dani estava em choque. Logo depois, ele fechou os olhos, plácido, inexpugnável. Caim morreu na porta principal e atrapalhou a entrada dos fãs. O show dos Ramones começou com duas horas de atraso. Segundo a crítica, foi o melhor da turnê.



Vou direto até a página 7 do Caderno C do jornal, movido por uma angustiante aceleração dos batimentos cardíacos. “Emboscada deixa dez mortos, todos integrantes da gangue Chacais da Vila Adoniran.” A notícia não traz maiores detalhes sobre a chacina, apenas um pequeno box com os nomes das vítimas. O primeiro nome que vejo é o de Caim. Um impulso cortante de tristeza me atinge, desta vez pegaram o meu filho.

Eu nunca consegui entender porque Caim apontou para uma vida sem regras. Acho que as drogas pesadas aceleraram a diluição da sua essência, e com o tempo tornaram-no irreconhecível. No ano passado joguei na privada dez gramas de cocaína que achei na sua mochila. No dia seguinte, ele colocou estricnina no meu café, fui salvo por uma lavagem estomacal. Tive de expulsá-lo de casa e dar queixa na polícia. Ele ameaçou voltar de madrugada e matar um por um da nossa família. A mãe morreu de desgosto, eu nunca mais preguei o olho. Caim era impiedoso, sórdido, um mau caráter irremediável. Teve o fim que mereceu.



Tomo outro café em silêncio. Antes de sair, deixo um real para a garçonete.



**FIM**

## SOBRE A BANDA

O nome New Model Army já diz muita coisa sobre os desígnios da banda. Dado em homenagem ao anti-monarquista Oliver Cromwell, NMA representava a libertação do sistema de classes em troca da meritocracia utópica. Representantes do pós-punk, uniam a revolta de predecessores como The Clash com o fervor político de contemporâneos como o U2 e Billy Brag. Formada pelo guitarrista, vocalista e líder Justin Sullivan, com Stuart Morrow no baixo e Rob Heaton na bateria, fundada de Bradford em 1980, a banda permanece produzindo, mesmo após a morte de Heaton em 2004. *The Ghost of Cain*, de 1986, é o terceiro álbum do NMA que marca a estréia de Jason Harris no baixo e revela melhor as influências *folk*. O *single* "51st State" é uma crítica à política da Inglaterra em relação aos Estados Unidos na época.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## THE GHOST OF CAIN - NEW MODEL ARMY

Lançado em 1986

Selo: EMI - Capitol

Produzido por Glyn Johns

Para mais informações sobre a banda, visite:

**[www.newmodelarmy.org](http://www.newmodelarmy.org)**

## SOBRE O AUTOR

Gastão Moreira é músico e comunicador. Dirigiu o documentário *Botinada* (2006), um precioso registro do movimento *punk* no Brasil. Na TV foram oito anos como apresentador da MTV e outros quatro no comando do saudoso Musikaos, na TV Cultura. Atualmente tem um programa na Ipanema FM de Porto Alegre, o Usina do Gastão e toca baixo no Kratera, que acabou de lançar seu segundo CD.



# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou “fair use”) concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

# 35 THE GHOST OF CAIN

NEW MODEL ARMY

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. THE HUNT
2. LIGHTS GO OUT
3. 51ST STATE
4. ALL OF THIS
5. POISON STREET
6. WESTERN DREAM
7. LOVESONGS
8. HEROES
9. BALLAD
10. MASTER RACE

